

Recado a um Coronel

UM deputado por Mato Grosso conta que passou um telegrama de Cuichá, para Ponta Porã; éle mesmo viajou para esta última cidade, dias depois — e ainda chegou antes do telegrama. O despacho fôra mandado por estrada de rodagem; nem sequer se utilizou o avião...

O sr. Genival Rebelo, diretor da revista «PN» (Publicidade e Negócios), conta que são sem número as reclamações de assinantes; ou a revista não chega ou chega com vários dias de atraso. Fêz experiências, remetendo a revista do centro da cidade para Copacabana, Tijuca e Olaria. Alguns exemplares não chegaram; outros gastaram de oito a dez dias. Diz ainda que foi procurado em várias ocasiões por funcionários da expedição do Departamento de Correios e Telégrafos que lhe propuseram isso: a revista lhes daria uma certa importância (um deles queria 4.500 cruzeiros por mês, para começar, com direito a aumento caso provasse sua eficiência) para dar prioridade a «PN» na expedição.

No caso do telegrama houve um furto por parte do DCT; êsse Departamento recebeu taxas telegráficas e fêz serviço postal terrestre; e uma repartição do Estado «tungando» um cidadão particular. No segundo caso não é o próprio Departamento, são funcionários seus que tentam «tungar» o particular, que exigem a «bola», o «jabaculé». Em ambos os casos o particular é «achacado». Desculpem esta linguagem de gíria policial, êste jargão de malandros; mas esta é a linguagem própria para se referir ao Departamento de Correios e Telégrafos desta República.

Por falar em República, ficamos sabendo outro dia que as instituições democráticas estão ameaçadas. Quem o disse foi um coronel do Exército; por culpa dos partidos políticos, que cumprem seus deveres, caminhamos, talvez, para um terceiro golpe.

O coronel do Exército que disse isso é o coronel José Alberto Bittencourt. O coronel José Alberto Bittencourt é diretor do Departamento dos Correios e Telégrafos.

Não pretendemos defender os partidos políticos, mas tomamos a liberdade de fazer uma sugestão ao coronel José Alberto Bittencourt. Parece-nos que seu cargo não é precisamente o de fiscal dos partidos políticos, mas o de diretor dos Correios e Telégrafos. Seria, assim, interessante que êle fizesse com que o DCT cumprisse o seu dever; que êle próprio, o coronel, cumprisse o seu, que é acabar com o desmazêlo, a desordem, a ineficiência e a corrupção de seu Departamento.

Pode ser que um bom serviço de Correios e Telégrafos não salve a República; mas tenho a impressão, coronel, de que ela andarâ melhor se cada um cumprir a sua tarefa. Vamos experimentar isto, coronel: o senhor fica encarregado de providenciar para que as cartas e os telegramas cheguem a seu destino a tempo e hora. Uma vez feito isto, estudaremos outros meios de salvar a Pátria. Está bem, coronel?